

UMA INTRODUÇÃO À FILOSOFIA POLÍTICA DE ERIC VOEGELIN: ORDEM, REPRESENTAÇÃO E TRANSCENDÊNCIA

Thiago Barbosa Soares¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar, de maneira acessível, os fundamentos da filosofia política de Eric Voegelin. A análise parte do diagnóstico voegeliniano da crise política moderna como expressão do fenômeno do gnosticismo, definido pela tentativa de realizar uma salvação intramundana mediante a eliminação da tensão entre imanência e transcendência. Examinam-se os conceitos centrais de *representação* (existencial e transcendental) e de *tensão* (*metaxu*), demonstrando como a ordem política legítima, para Voegelin, não decorre de procedimentos formais ou contratos abstratos, mas da adequada simbolização da experiência de abertura do homem ao fundamento do ser. A análise das obras *A nova ciência da política*, *Ciência, política e gnosticismo* e *Ordem e história* evidencia a atualidade da crítica voegeliniana para a compreensão de fenômenos contemporâneos, como as novas formas de imanentização e as crises de representação nas democracias atuais. Entende-se que a "nova ciência da política" proposta por Voegelin recoloca a política no horizonte da ordem do ser, exigindo do intérprete uma atenção às experiências simbólicas concretas e uma vigilância constante contra as segundas realidades engendradas pelos movimentos gnósticos.

PALAVRAS-CHAVE: Eric Voegelin, Gnosticismo político, Representação, Tensão, Nova ciência da política.

ABSTRACT: This article aims to present, in an accessible manner, the foundations of Eric Voegelin's political philosophy. The analysis begins with Voegelin's diagnosis of the modern political crisis as an expression of the phenomenon of gnosticism, defined as the attempt to achieve intramundane salvation by eliminating the tension between immanence and transcendence. The central concepts of *representation* (existential and transcendental) and *tension* (*metaxu*) are examined, demonstrating how, for Voegelin, legitimate political order does not derive from formal procedures or abstract contracts, but from the adequate symbolization of the human experience of openness to the ground of being. The analysis of the works *The New Science of Politics*, *Science, Politics and Gnosticism*, and *Order and History* highlights the relevance of Voegelin's critique for understanding contemporary phenomena, such as new forms of immanentization and crises of representation in current democracies. It is concluded that the "new science of politics" proposed by Voegelin restores politics to the horizon of the order of being, demanding from the interpreter an attention to concrete symbolic experiences and constant vigilance against the second realities engendered by gnostic movements.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Diretor de pesquisa na Propesq/UFT e pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>.

KEYWORDS: Eric Voegelin, Political gnosticism, Representation, Tension, New science of politics.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, apresentam-se de maneira acessível os fundamentos da filosofia política de Eric Voegelin². Sua crítica ao positivismo, ao historicismo e, sobretudo, ao gnosticismo político oferece uma chave interpretativa original para os fenômenos de desordem e totalitarismo no século XX. Voegelin propõe uma recuperação da experiência política como experiência do transcendente, experiência que, quando rompida ou deformada por ideologias imanentistas, conduz à tentativa de impor uma salvação intramundana, gerando as consequências totalitárias que ele testemunha.

A análise das categorias de *representação e tensão entre imanência e transcendência* demonstra que, para Voegelin, a ordem política legítima não decorre de procedimentos formais ou de contratos sociais abstratos, mas da adequada simbolização da experiência de abertura do homem ao fundamento do ser. Nesse sentido, o retorno à experiência concreta dos sujeitos históricos, seja na Atenas de Platão, seja no Israel profético³, revela que a política autêntica é sempre uma resposta à inquietação diante do divino e do justo, e não mera técnica de poder.

Para situar o leitor no contexto intelectual de Voegelin, convém lembrar que sua formação percorre direito, ciência política e filosofia, com forte influência de Max Weber, Edmund Husserl e Alfred Schütz. Voegelin (1982, p. 15) recusa tanto o historicismo weberiano quanto o idealismo hegeliano, propondo uma via fenomenológica que toma a experiência concreta como ponto de partida. Essa originalidade metodológica explica por que sua obra permanece à margem das correntes dominantes da teoria política do século XX, ao mesmo tempo que oferece instrumentos renovados para a crítica do totalitarismo e da desordem contemporânea.

A proposta voegeliniana de uma "nova ciência da política" não elimina o debate normativo, nem se refugia em um decisionismo vazio. Ao contrário, ela recoloca a política no horizonte da ordem do ser, exigindo do intérprete uma atenção às experiências simbólicas

² Eric Voegelin (1901–1985) foi um filósofo e cientista político austro-americano. Formado na Universidade de Viena, exilou-se nos Estados Unidos após a anexação da Áustria pela Alemanha nazista em 1938. Sua obra caracteriza-se pelo diálogo entre filosofia, ciência política, história das religiões e teoria da consciência, tendo produzido um dos mais amplos projetos de interpretação da ordem política e espiritual do Ocidente.

³ A recuperação da filosofia clássica constitui um dos traços centrais da obra voegeliniana. Platão e Aristóteles são compreendidos não apenas como filósofos políticos, mas como intérpretes da experiência da ordem, capazes de simbolizar a tensão entre a existência humana e o fundamento transcendente da realidade.

concretas e uma vigilância constante contra as "segundas realidades"⁴ engendradas pelos movimentos gnósticos. Embora sua obra receba críticas, como a possível fluidez em seu conceito de gnosticismo ou o risco de uma leitura teologizante da política, a força heurística de seus conceitos permanece inegável para a compreensão dos impasses do mundo contemporâneo, marcado por novas formas de imanentização⁵ e por crises de representação. Assim, espera-se que este texto contribua para uma aproximação inicial, porém rigorosa, ao pensamento de Eric Voegelin, incentivando futuras incursões em sua obra.

2. A CRÍTICA AO GNOSTICISMO E A RECUPERAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA ORDEM

Para compreender a filosofia política de Eric Voegelin, parte-se do diagnóstico central de que a crise política do século XX deriva de uma deformação na experiência da ordem. Voegelin (1982, p. 125) sustenta que a política moderna, sobretudo em seus movimentos totalitários, caracteriza-se pelo *gnosticismo*⁶: a crença na possibilidade de realizar uma salvação perfeita dentro da história por meio da ação humana. Tal postura, segundo o autor, elimina a tensão constitutiva entre imanência e transcendência, substituindo a abertura ao fundamento do ser por uma certeza ideológica fechada.

Em *Ciência, política e gnosticismo*, Voegelin (2009, p. 67) identifica traços gnósticos em fenômenos tão diversos quanto o progressismo, o positivismo e o marxismo⁷. Todos compartilham a recusa da experiência da transcendência e a tentativa de construir uma "segunda realidade", um sistema teórico que pretende explicar e controlar a história a partir de premissas imanentistas. Essa crítica não se reduz a uma oposição religiosa, mas toca o cerne

⁴ O conceito de "segunda realidade" designa construções ideológicas que substituem a realidade efetiva por narrativas fechadas e autorreferenciais. A expressão foi inicialmente empregada por Robert Musil e posteriormente incorporada por Voegelin para explicar a maneira pela qual sistemas ideológicos produzem interpretações fictícias da realidade social e histórica.

⁵ Voegelin emprega a expressão "imanentização do *eschaton*" para designar a tentativa de transferir para o plano histórico e político expectativas de realização última tradicionalmente associadas à transcendência religiosa. O termo deriva do vocabulário teológico cristão, no qual *eschaton* refere-se às realidades últimas ou finais da existência humana. Para Voegelin, diversas ideologias modernas procuram concretizar na história uma perfeição definitiva, seja por meio da revolução, do progresso científico ou da reorganização racional da sociedade, convertendo promessas transcendentais em programas políticos intramundanos.

⁶ O termo "gnosticismo" não é empregado por Voegelin apenas para designar os movimentos religiosos dos primeiros séculos do cristianismo. Trata-se de uma categoria analítica ampliada que descreve a pretensão humana de alcançar uma redenção histórica definitiva mediante um conhecimento supostamente privilegiado da estrutura da realidade.

⁷ Diversos intérpretes questionam a amplitude da categoria de gnosticismo empregada por Voegelin. Hans Blumenberg (1983), por exemplo, argumenta que a modernidade possui legitimidade própria e não pode ser compreendida simplesmente como uma deformação de experiências religiosas anteriores, o que o leva a rejeitar interpretações que associam amplamente os movimentos modernos a heranças gnósticas. Apesar dessas críticas, o conceito voegeliniano de gnosticismo permanece influente nos estudos de teoria política, filosofia da história e crítica das ideologias (Webb, 1981).

da ordem política: quando os símbolos que expressam a participação humana na ordem divina são abandonados, emergem substitutos dogmáticos que conduzem à violência e à desorientação.

Voegelin (2016, p. 203) propõe, então, um método alternativo: retornar às experiências políticas concretas tal como se manifestam nos símbolos históricos. Em *Ordem e história*, ele analisa as civilizações antigas, Mesopotâmia, Egito, Israel, Grécia, para mostrar como cada sociedade elabora representações da ordem que vinculam poder, direito e transcendência. A contribuição grega, especialmente em Platão e Aristóteles, consiste em tematizar a *tensão (metaxu)*⁸ entre o homem e o fundamento divino, evitando tanto o fechamento imanentista quanto o escapismo transcendental.

Voegelin (1982, p. 130) distingue seis traços característicos do gnosticismo político: (1) a insatisfação com a condição humana tal como ela se apresenta; (2) a crença de que os males do mundo decorrem de uma organização deficiente da sociedade; (3) a convicção de que é possível realizar uma transformação radical para o bem; (4) a promessa de uma salvação dentro da história; (5) o conhecimento esotérico sobre o curso necessário da história; e (6) a eliminação da tensão entre imanência e transcendência. Esses traços, segundo Voegelin, reaparecem tanto no marxismo-leninismo quanto no nacional-socialismo e em certas formas contemporâneas de ativismo pós-moderno que, paradoxalmente, negam a própria noção de transcendência.

Um exemplo concreto do método voegeliniano aparece em sua análise do profetismo hebraico. Diferentemente das cosmologias do antigo Oriente Próximo, nas quais a ordem política se funde com a ordem cósmica cíclica, Israel introduz uma novidade: a palavra profética interrompe o ciclo, apontando para uma ordem transcendente que julga os reis e as nações. Voegelin (2016, p. 278) interpreta esse fenômeno como o nascimento da representação transcendental na história política ocidental. A ruptura profética impede que o poder absolutize-se, mantendo aberta a tensão entre o governo humano e a justiça divina.

Desse modo, a “nova ciência da política” de Voegelin (1982, p. 35) não abandona a razão nem a empiria, mas as amplia para incorporar a dimensão da experiência da transcendência. O teórico político deve, portanto, recuperar a capacidade de distinguir entre ordens autênticas (abertas ao transcendente) e ordens deformadas (fechadas em ídolos

⁸ O termo grego *metaxu* significa literalmente "entre". Em Platão, especialmente no Banquete, designa a condição intermediária do ser humano entre o mundo finito e o divino. Voegelin recupera esse conceito para descrever a estrutura fundamental da consciência humana.

imanentes). Essa operação exige uma análise fenomenológica dos símbolos políticos⁹, sem reduzi-los a meros epifenômenos econômicos ou sociais.

3. A REPRESENTAÇÃO POLÍTICA COMO SÍMBOLO DE ORDEM

Voegelin (1982, p. 45) desenvolve a noção de *representação* como um conceito central para compreender como as sociedades simbolizam sua própria ordem. Para ele, a representação não se limita ao mecanismo formal de delegação política típico dos Estados modernos¹⁰. Ao contrário, toda sociedade política representa a si mesma mediante símbolos que expressam sua participação em uma ordem transcendente. Em *A nova ciência da política*, Voegelin (1982, p. 52) distingue a *representação existencial*¹¹, que diz respeito ao exercício efetivo do poder, da *representação transcendental*¹², que vincula a ordem política a uma fonte última de sentido.

A crise da modernidade, segundo Voegelin (2009, p. 88), consiste na ruptura entre esses dois níveis. Os movimentos gnósticos reduzem a representação à sua dimensão imanente, transformando o poder político enfim último. Sem a referência ao transcendente, a representação existencial torna-se mera dominação técnica, perdendo sua legitimidade profunda. Ao retomar a análise dos símbolos medievais e antigos, Voegelin (2016, p. 310) mostra que a representação eficaz depende da capacidade de uma sociedade de articular, em suas instituições e ritos, a experiência de abertura ao fundamento do ser.

Voegelin (1982, p. 59) oferece uma tipologia histórica das formas de representação. Na antiguidade clássica, a *polis* grega representa-se por meio dos mitos, das leis e da filosofia. No Império Romano, a representação assume feição jurídico-universalista, com a figura do *imperator* como símbolo de ordem cósmica e humana. O cristianismo medieval introduz a distinção entre o espiritual e o temporal, gerando uma tensão representativa que Voegelin considera saudável, pois nenhum polo concentra toda a legitimidade. A modernidade, ao romper esse equilíbrio, produz primeiro o absolutismo (representação existencial concentrada

⁹ A expressão “nova ciência da política” não se refere à criação de uma disciplina inédita, mas à recuperação de uma ciência política fundada na análise das experiências concretas da ordem. Voegelin considera insuficientes tanto o positivismo quanto as abordagens exclusivamente institucionalistas para compreender os fenômenos políticos.

¹⁰ Voegelin não rejeita a democracia representativa em si. Sua crítica dirige-se à redução da representação ao aspecto procedimental, quando eleições e instituições deixam de expressar conteúdos substantivos relacionados à ordem e à verdade da existência humana.

¹¹ A representação existencial refere-se à capacidade efetiva de uma autoridade governar e manter a unidade da comunidade política. Nesse sentido, mesmo regimes não democráticos podem possuir representação existencial caso consigam expressar a existência política de uma sociedade.

¹² A representação transcendental diz respeito à relação entre a ordem política e os princípios últimos que conferem sentido à existência coletiva. Historicamente, essa dimensão manifestou-se em símbolos religiosos, cosmológicos ou filosóficos que legitimavam a autoridade política.

no soberano) e depois o totalitarismo (identificação entre representação existencial e transcendental, como no Estado soviético ou nazista).

Assim, a representação autêntica surge quando os governantes e os governados reconhecem que a ordem política não se esgota nas relações de força, mas se ancora em uma realidade que os transcende. Para Voegelin, essa percepção não implica teocracia ou submissão clerical, mas a consciência de que o poder sem verdade se corrompe inevitavelmente.

4. TENSÃO, EXPERIÊNCIA E O EQUILÍBRIO DA ALMA

Um dos conceitos mais originais da filosofia política de Voegelin é a noção de *tensão* (*metaxu*), herdada de Platão. Voegelin (2016, p. 245) descreve a condição humana como um estar-semprerentre: entre a imanência e a transcendência, entre o conhecível e o incognoscível, entre a ordem e o caos. Essa tensão não é um defeito a ser superado, mas a própria estrutura da existência consciente. A experiência política autêntica nasce quando o homem aceita essa tensão e nela busca o equilíbrio.

Em *Ciência, política e gnosticismo*, Voegelin (2009, p. 102) critica todas as doutrinas que prometem eliminar a tensão por meio de uma certeza totalizante, seja a do progresso necessário, seja a da revolução redentora. Tais promessas constituem, na verdade, fuga da realidade humana. O equilíbrio (*sophrosyne*)¹³ alcança-se não pela negação da tensão, mas pela sua permanente elaboração simbólica: a filosofia, a oração, a ação justa e a reflexão política compartilham essa tarefa.

Voegelin (2016, p. 260) recorre à imagem platônica da caverna para ilustrar a tensão. Os prisioneiros que se libertam e ascendem à luz do sol experimentam uma desorientação inicial, a alma desequilibra-se antes de reencontrar novo equilíbrio. A política autêntica, para Voegelin, jamais elimina esse movimento ascensional e descensional; ela o institucionaliza em formas de educação, deliberação e culto público. As ideologias gnósticas, ao contrário, oferecem um atalho: declaram que a luz já está disponível na terra, que o reino dos céus pode ser construído por decretos humanos. Essa promessa, por mais sedutora, é falsa, pois nega a própria estrutura da existência como *metaxu*.

O equilíbrio da alma, para Voegelin, não é um estado estático, mas uma prática contínua de atenção à realidade (*attentio*). Ele retoma a noção agostiniana de *cor ad cor*

¹³ *Sophrosyne* é um conceito fundamental da ética grega clássica. Traduzido frequentemente como moderação, prudência ou temperança, designa a harmonia interior alcançada quando a alma mantém suas faculdades em equilíbrio, evitando os excessos da desmedida (*hybris*).

loquitur (coração fala a coração) para descrever como as experiências de transcendência se comunicam entre consciências. A ordem política justa depende, em última análise, da qualidade espiritual dos indivíduos que a compõem, não no sentido moralizante, mas no sentido de sua capacidade de permanecer abertos à realidade sem recair em certezas fechadas. Por isso, Voegelin afirma que a “ciência da política” é inseparável de uma “ciência da alma”.

Voegelin (1982, p. 78) aplica essa perspectiva à ordem institucional. Uma sociedade equilibrada é aquela que institucionaliza canais para a expressão da inquietação transcendente¹⁴, sem sufocá-la em dogmas ou dispersá-la em indiferença. A história da política ocidental, para Voegelin, é a história das tentativas de preservar esse equilíbrio e das falhas trágicas quando ele se rompe.

5. ATUALIDADE DA CRÍTICA VOEGELINIANA

Apesar de formulada no contexto das guerras e totalitarismos do século XX, a filosofia política de Voegelin permanece relevante para analisar fenômenos contemporâneos. Voegelin (2009, p. 118) identifica o gnosticismo não como uma seita antiga, mas como uma estrutura espiritual recorrente¹⁵. Sob essa luz, movimentos atuais, como certas formas de ativismo político que prometem a redenção final pela técnica ou pela revolução permanente, reeditam o mesmo padrão de imanentização do transcendente.

Um caso exemplar é a ideologia do transumanismo, que promete a superação da condição humana mediante tecnologia, inteligência artificial e prolongamento radical da vida. Voegelin (2009, p. 121) não poderia ter previsto essas formas específicas, mas seu diagnóstico do gnosticismo tecnológico aplica-se perfeitamente: a eliminação da finitude, da morte e do sofrimento como projetos políticos engenheirados substituem a experiência religiosa da redenção por um programa imanente de aperfeiçoamento. A linguagem da “singularidade” e do “pós-humano” reproduz, em chave secular, a promessa gnóstica de escapar da tensão entre o humano e o transcendente.

¹⁴ A partir dos volumes posteriores de *Ordem e História*, Voegelin desloca progressivamente sua investigação da filosofia política para uma filosofia da consciência, concentrando-se na análise das experiências que originam os símbolos religiosos, filosóficos e políticos.

¹⁵ A interpretação voegeliniana do gnosticismo apresenta convergências com análises desenvolvidas por Raymond Aron e Eric Hoffer acerca das formas modernas de mobilização ideológica. Enquanto Aron (1980) examina a transformação das ideologias em sucedâneos seculares da religião, Hoffer (2010) investiga os mecanismos psicológicos que tornam os movimentos de massa particularmente receptivos a promessas de redenção histórica e transformação total da sociedade.

Outro fenômeno contemporâneo que a crítica voegeliniana ilumina é o populismo de identidade. Movimentos que reduzem toda a complexidade política a uma luta entre grupos oprimidos e opressores, com promessa de redenção final pela inversão de hierarquias, também exibem traços gnósticos. Voegelin (1982, p. 140) adverte que a “segunda realidade” ideológica pode ser construída tanto a partir de categorias de classe (marxismo) quanto de raça, gênero ou nação. O denominador comum é o fechamento da experiência, a recusa da tensão e a substituição da política como busca por uma política como certeza.

Voegelin (1982, p. 165) também antecipa a crise das democracias contemporâneas, marcadas por uma representação existencial esvaziada de conteúdo transcendental. Quando os símbolos políticos perdem sua capacidade de evocar a experiência da ordem do ser, restam apenas procedimentos vazios ou populismos emocionais, ambos igualmente incapazes de fundar uma comunidade duradoura. A “nova ciência da política” proposta por Voegelin oferece, assim, um antídoto contra a superficialidade das análises que ignoram a dimensão espiritual da ordem social.

Portanto, Voegelin (2016, p. 402) convida o intérprete a um movimento constante de retorno às experiências concretas, contra todo fechamento ideológico. Essa atitude de abertura e vigilância epistemológica talvez seja o legado mais valioso de sua obra para a filosofia política do século XXI.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentam-se de maneira acessível os fundamentos da filosofia política de Eric Voegelin. A análise parte do diagnóstico de que a crise política moderna decorre do fenômeno do gnosticismo, definido por Voegelin (1982, p. 125) como a tentativa de realizar a salvação intramundana mediante a eliminação da tensão entre imanência e transcendência. Em *Ciência, política e gnosticismo*, Voegelin (2009, p. 67) demonstra como movimentos ideológicos, do positivismo ao marxismo, constroem “segundas realidades” que fecham a experiência humana ao fundamento do ser, gerando desordem e violência.

A recuperação da ordem política exige, então, o retorno à experiência concreta dos símbolos históricos. Em *Ordem e história*, Voegelin (2016, p. 203) analisa as civilizações antigas para mostrar como cada sociedade elabora representações que vinculam poder, direito e transcendência. A noção de *representação* (Voegelin, 1982, p. 45) distingue o aspecto existencial do transcendental, revelando que a legitimidade política autêntica depende da

capacidade de uma sociedade de simbolizar sua abertura ao transcendente. Quando essa abertura se rompe, a representação existencial degenera em mera dominação técnica.

Além disso, o conceito de *tensão (metaxu)*, desenvolvido por Voegelin (2016, p. 245) a partir de Platão, descreve a própria estrutura da existência consciente. O equilíbrio político e espiritual alcança-se não pela eliminação da tensão, como prometem os movimentos gnósticos, mas pela sua permanente elaboração simbólica. Voegelin (1982, p. 78) aplica essa perspectiva às instituições: uma sociedade equilibrada institucionaliza canais para a expressão da inquietação transcendente.

Além disso, a metodologia voegeliniana oferece um antídoto contra as tentações reducionistas das ciências sociais contemporâneas. Ao insistir na análise das experiências simbólicas concretas, Voegelin (1982, p. 193) convida o pesquisador a suspender o julgamento ideológico e a retornar aos fenômenos tais como se dão na consciência histórica. Essa *epoché* fenomenológica, inspirada em Husserl, protege contra a projeção anacrônica de categorias políticas modernas sobre períodos anteriores e contra a dissolução da especificidade política em determinações econômicas ou psicológicas.

Portanto, a crítica voegeliniana mostra-se atual para analisar fenômenos contemporâneos. Voegelin (2009, p. 118) identifica o gnosticismo como uma estrutura espiritual recorrente, presente em formas atuais de ativismo redentor e em populismos esvaziados de referência transcendental. A "nova ciência da política" proposta por Voegelin oferece, assim, um antídoto contra análises que ignoram a dimensão espiritual da ordem social. Espera-se que este texto contribua para uma aproximação inicial, porém rigorosa, ao pensamento de Eric Voegelin, incentivando futuras incursões em sua obra.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais**. Tradução de Jorge Bastos. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

BLUMENBERG, Hans. **The legitimacy of the modern age**. Tradução de Robert M. Wallace. Cambridge: MIT Press, 1983.

HOFFER, Eric. **The true believer: thoughts on the nature of mass movements**. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2010.

VOEGELIN, Eric. **A nova ciência da política**. Tradução de José Viegas Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

VOEGELIN, Eric. **Ciência, política e gnosticismo**. Tradução de Jerônimo Moscardo Jr. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

VOEGELIN, Eric. **Ordem e história**. (v. 1: Israel e a Revelação.). Tradução de Carlos A. B. de Mello. São Paulo: É Realizações, 2016.

WEBB, Eugene. **Eric Voegelin**: philosopher of history. Seattle: University of Washington Press, 1981.